

J. R. Ward

# INVEJA

Um romance dos Anjos Caídos

Tradução  
Margarida Malcato

*Quinta Essência\**

# Capítulo 1



Foi na primavera, numa noite escura de abril, que o detetive Thomas DelVecchio Jr. aprendeu que os pesadelos podiam, de facto, saltar da mente e aterrar na vida real.

Infelizmente para ele, não se tratava propriamente de uma novidade.

Havia sangue por todo o lado. Brilhante e vermelho ao luar, como se um balde de tinta se tivesse aberto e entornado não apenas no chão do bosque... mas também no homem que se encontrava despedaçado e imóvel em cima de um monte de folhas secas.

Aos pés de Veck.

Porém, aquela merda vermelha não era tinta. Nem óleo. Nem sequer o género de tinta com que se pintam os celeiros por fora. Não se podia comprar em lojas nem limpar com terebintina, nem usá-la num filme de série B.

Tratava-se da vida real, ali mesmo. A jorrar do cabrão.

Mas, o que fizera ele? Santo Deus...

Despiu o casaco de cabedal, dobrou-o, ajoelhou-se e pressionou-o contra o tórax exposto do homem. Um gorgolejar misturou-se às exalações agressivas de Veck, enquanto ele olhava para o par de olhos que se tornava opaco. Cada vez mais depressa.

– Eu matei-te? *Fui eu?*

Não teve resposta. Talvez as cordas vocais do tipo estivessem penduradas num ramo de árvore qualquer.

Bolas... oh, *bolas*... parecia a noite em que a sua mãe fora assassinada.

Só que, naquele caso, acabara por ser ele a despedaçar outra pessoa.

Isto era o que sabia de certeza: pegara na mota, conduzira até ali e esperara no bosque pelo seu maníaco psicótico enquanto repetia a si próprio a mentira de que só levaria o «suspeito» para a prisão.

A sua palma dissera-lhe a verdade. Quando a presa finalmente chegou, ele tinha a faca na mão, e parecia uma sombra nas suas roupas deliberadamente negras, enquanto se aproximava...

O Monroe Motel & Suites ficava apenas a quinze metros, no lado oposto ao terreno cheio de ramos e pinheiros. Iluminado por luzes de segurança, de um amarelo cor de mijo, a frase sórdida «aluga-se durante a noite ou apenas por algumas horas» era a razão pela qual tanto ele, como a amostra de assassino, tinham saído nessa noite.

Os assassinos em série ficavam com troféus das suas vítimas. Incapazes de formar ligações emocionais adequadas com as pessoas, e com necessidade de representações físicas do poder momentâneo que tinham sobre a presa, conferiam emoção aos objetos ou aos restos mortais das pessoas que esquarterjavam.

David Kroner perdera a sua coleção de *souvenirs* havia duas noites. Quando o seu trabalho fora interrompido e a polícia aparecera.

Por isso, era lógico que voltasse ao local onde perdera o controlo pela última vez. Era o mais próximo que estaria de tudo o que já tivera.

– Chamei uma ambulância – ouviu-se Veck dizer, sem saber bem a quem se dirigia.

Desviou o olhar e concentrou-se no último quarto do motel, o da ponta que estava mais próxima do sítio onde ambos se encontravam e mais longe da receção. Um autocolante oficial de provas do departamento da polícia de Caldwell estava colado na porta e na ombreira e uma fita com as palavras «local do crime» balouçava com a brisa. Enquanto pestanejava, viu o que ele próprio e os restantes colegas ali tinham encontrado duas noites antes: outra jovem mulher, acabada de matar e pronta a ser cortada como *souvenir* da carne.

Mais gorgolejares.

Baixou o olhar. O homem que sangrava por baixo de si era musculado e magro, no entanto, as vítimas de David Kroner tinham sido jovens mulheres entre os dezasseis e os vinte e quatro anos, pelo que ele não precisava de ser um brutamontes para levar a cabo a sua tarefa. O cabelo louro cor de areia começava a rarear em cima. Pele que dantes fora de um branco muito pálido começava a ficar cinzenta, isto é, nos sítios onde não estava coberta de sangue.

Mergulhando na sua base de dados mental, Veck tentou lembrar-se do que acabara de acontecer. Depois de esperar pelo que lhe pareceram dias, um quebrar de ramos fizera-o voltar a cabeça e ver Kroner avançar por entre as árvores.

Assim que o vira, a sua mão procurara pela faca, o seu corpo acocorara-se e depois...

– Filha da *mãe*...

A dor de cabeça voltou com força, como se alguém lhe tivesse martelado um prego na testa. Erguendo uma das mãos, inclinou-se para a esquerda e pensou, bestial. Assim que a ambulância viesse, os médicos podiam tratá-lo de um aneurisma.

Pelo menos, teriam algo que fazer – Kroner estaria morto quando ali chegassem.

Quando a dor aguda acalmou um pouco, Veck tentou lembrar-se outra vez... apenas para fazer com que a dor voltasse

com mais força. Com uma nova vaga de agonia a atacar-lhe o crânio como um buquê escarlate, ele fechou os olhos e pensou em vomitar e, à medida que o debate do desembuche prosseguia no seu estômago, apercebeu-se de que já era altura de ser sincero consigo próprio. A menos que a sua memória de curto prazo tivesse uma enorme falha, a verdade era que ele *fora* até ali para matar aquele tarado filho da mãe, que, segundo o registo atual, profanara pelo menos onze jovens, de Chicago a Caldwell, só no último ano.

Horrível, claro. Mas uma brincadeira de crianças quando comparada ao que o seu próprio pai fizera em três meses: Thomas DelVecchio Sénior escrevera o manual para tipos como Kroner.

Fora precisamente essa ascendência que levava Veck a pegar no telefone e a chamar não só a ambulância como também o seu colega do departamento de Homicídios.

Por mais que detestasse admiti-lo, ele era filho do seu pai: fora ali para matar. Ponto final. O facto de a sua vítima ter sido um parvalhão violento era apenas um filtro de aceitação social que mascarava o verdadeiro motivo.

No fundo, não se tratara de vingar as raparigas mortas.

E era óbvio que ele sabia que aquela noite seria inevitável. Toda a vida, essa sombra pairara sobre ele, guiando-o, seduzindo-o, puxando-o para a cena de destruição. Por isso, fazia sentido que não se lembrasse de nada. A sua outra metade tinha finalmente tomado conta de si, sem permitir que ele recuperasse o controlo antes de a violência estar concluída. A prova? Algures nas profundezas da sua mente, soava uma gargalhada maníaca e satisfeita.

«Sim, bem, anima-te», pensou ele. Pois não iria deixar-se ir até onde fora o pai...

O som das sirenes irrompeu a este e ficou cada vez mais audível.

Aparentemente, ele não foi a única pessoa a ouvir a ambulância a aproximar-se. Um homem saiu a correr de um dos

quartos do motel e contornou um chaço com dez anos com as chapas amolgadas. Foi um pouco difícil para ele tirar as chaves do bolso, tendo em conta que puxava as calças para cima ao mesmo tempo.

A fuga seguinte foi de uma mulher de aspeto rude que entrava à pressa num *Honda Civic* velho, enquanto puxava a minissaia para baixo.

As suas partidas a alta velocidade significaram que o parque de estacionamento estava vazio quando a ambulância saiu da estrada aos solavancos e parou diante da receção.

Quando o médico que seguia no lado do passageiro saiu e o gerente do motel abriu a porta de vidro, Veck gritou em alto e bom som.

– Estamos aqui!

Pelos vistos, o gerente não tinha qualquer intenção de se envolver e voltou para dentro. Ainda assim, o médico correu ao local e a ambulância deu a volta ao parque de estacionamento. À medida que se aproximavam, Veck ficou muito mais calmo – mortalmente calmo. Tão intocável como a Lua fria e distante que os observava a partir da noite negra e profunda.

Para o diabo com o seu lado obscuro. Fora ele quem fizera aquilo. E ia fazer-se pagar pelo seu ato.

A agente dos Assuntos Internos Sophia Reilly parecia um foguete ao atravessar a zona rural isolada dos arredores sujos de Caldwell. Enquanto descrevia as curvas e contracurvas da Estrada 149 a alta velocidade, o facto de ir em direção a um local de crime não era a causa: ela conduzia depressa. Comia a correr. Detestava esperar em filas, esperar por pessoas, esperar por informação.

Se ao menos conseguisse evitar atropelar um veado antes de chegar ao Monroe Motel & Suites...

Quando o seu telemóvel tocou, ela encostou-o ao ouvido antes do segundo toque.

- Reilly.
- Detetive De la Cruz.
- Olá. Adivinhe para onde vou?
- Quem lhe ligou?

– A central. O seu parceiro está na minha lista de afazeres... logo, quando ele chama uma ambulância e pede reforços a meio da noite, dizendo que não sabe o que aconteceu à vítima, eu sou avisada.

Infelizmente, era algo a que começava a habituar-se. Thomas DeIVecchio Jr. trabalhava nos Homicídios havia apenas duas semanas e já incorria numa possível suspensão por deixar inconsciente um *paparazzo* que tentava tirar a fotografia a uma vítima.

No entanto, comparado com isto, isso era uma brincadeira de crianças.

- Como descobriu? – perguntou ela.
- Ele acordou-me.
- Como estava ele?
- Vou ser sincero.
- Como é sempre, detetive.

– Parecia bastante bem. Queixou-se de uma dor de cabeça e de perda de memória. Disse que havia muito sangue e que tinha a certeza absoluta de que a vítima era David Kroner.

Mais conhecido como o filho da mãe que despedaçava meninas e guardava os restos e as sobras. A última sessão de «trabalho» do cabrão acontecera há duas noites, no motel, e fora interrompida por desconhecidos. Após a perturbação, Kroner escapara pela janela da casa de banho, deixando para trás um cadáver tragicamente desfeito e uma carrinha cheia de frascos de amostras e outros objetos – que estavam a ser catalogados na sede e inseridos na base de dados nacional.

– Perguntou-lhe se foi ele o culpado? – Como membro dos Assuntos Internos, Reilly investigava as ações dos próprios colegas e, embora tivesse orgulho no seu trabalho, não gostava

que as pessoas que partilhavam o seu cargo tivessem que fazer. Que bom seria se toda a gente, incluindo os polícias, obedecesse à lei e jogasse limpo.

– Ele disse que não sabia.

Inconsciente enquanto cometia o crime? Não era invulgar. Principalmente se se tratasse de um caso passional, como, por exemplo, um detetive de homicídios matar um assassino em série. Veck já demonstrara ser intempestivo no que tocava à proteção e defesa de vítimas. Bom, intempestivo, ponto final. O tipo era além disso brilhante e muito sensual...

Não que ser sensual fosse importante.

Nada disso.

– Quando chega ao local, detetive?

– Daqui a uns quinze minutos.

– Estou a menos de um quilómetro. Encontramo-nos lá.

– Entendido.

Assim que desligaram, ela colocou o telemóvel dentro do bolso do casaco e ajeitou-se no banco. Quando um membro da força era o possível suspeito de um homicídio e, tendo em conta o que Veck dissera à central, a probabilidade de sobrevivência de Kroner era bastante baixa, surgiam toda a espécie de conflitos de interesse. Na maior parte das vezes, os colegas dos Assuntos Internos lidavam com a corrupção, as infrações processuais e investigavam a competência no trabalho. Todavia, numa situação daquelas, os próprios membros do departamento de Veck estavam numa posição difícil quanto a avaliar se um deles tinha realmente cometido um crime.

Bolas, dependendo de como corresse, talvez ela tivesse de mandar chamar um grupo de fora para decidir se ele era ou não culpado. Contudo, ainda era muito cedo para tal.

Mas não era demasiado cedo para pensar no pai de Veck.

Todos sabiam de quem se tratava, e ela tinha de admitir que, se o laço de sangue não existisse, como existia, não estaria tão alerta...

Thomas Sênior era um dos assassinos em série mais notáveis do século XX. Oficialmente, fora acusado e condenado por «apenas» vinte e oito homicídios. No entanto, fora implicado em mais trinta – e isto era só o que as autoridades de quatro estados sabiam. Havia a probabilidade de dezenas de mulheres desaparecidas não terem sido ligadas a ele de forma adequada.

Por isso, sim, se o pai de Veck tivesse sido um advogado, um contabilista ou um professor, talvez ela não estivesse tão preocupada. Mas o velho ditado de que quem sai aos seus não degenera tinha implicações terríveis no que dizia respeito aos assassinos em série e aos seus filhos.

Depois de passar a ponte, o Monroe Motel & Suites ficava à direita, pelo que ela desacelerou, passando pela recepção e pela fila de quartos até chegar à ponta do parque de estacionamento que dava para o bosque. Saíndo com a mochila cheia de instrumentos, a fragrância doce a *diesel* da ambulância fê-la espirrar com força, sentindo, depois, o cheiro dos pinheiros... tal como o indiscutível odor acobreado a sangue fresco.

Os médicos tinham estacionado o veículo de forma que ele ficasse virado para o bosque e, diante dos faróis, os dois auxiliares de emergência médica trabalhavam no corpo ensanguentado de um homem caucasiano. As roupas da vítima tinham sido cortadas – ou rasgadas – e o que se encontrava por baixo delas era um pastiche de carne viva, com tantas feridas que era impossível contá-las.

«É impossível ele sobreviver», pensou ela.

Depois, viu Veck. O detetive de homicídios estava afastado, de braços cruzados, com os pés afastados, e com o rosto a evidenciar... absolutamente nada. Tal como De la Cruz dissera.

Deus, era como se o tipo estivesse na fila de um restaurante de comida rápida.

À medida que ela avançava para o monte de folhas secas e de terra macia, sentiu o impulso repentino de conter as suas

emoções. Embora, sinceramente, não tivesse apenas a ver com o local do crime. Também era por causa do homem com quem ia ter.

Ao aproximar-se, reparou na mota preta estacionada na orla do bosque. Era dele; já a tinha visto na sede. Aliás, vira-o montá-la da sua janela, pô-la a trabalhar e arrancar. Usava capacete na maioria das vezes.

Ela sabia que muitas mulheres da esquadra também o olhavam da mesma forma, pois havia muito para ver. Por entre os ombros pesados e as ancas estreitas havia o corpo de um lutador, porém, o seu rosto era mais o de um rapaz certinho do que o de um pugilista – ou seria se não fosse o olhar. Os olhos azul-escuros, frios e inteligentes levavam as feições do modelo para o universo do homem comum.

Detendo-se à frente dele, a primeira coisa em que reparou foi no sangue que se encontrava na camisola de gola alta. Uns salpicos aqui e ali, nada de grandes manchas, nem de zonas ensopadas.

Não tinha arranhões na cara. Nem no pescoço.

As roupas e o chapéu estavam em boas condições – nada fora do lugar, rasgado ou arranhado. Tinha dois círculos de lama nos joelhos das calças pretas. A pistola estava no coldre. Não dava para ver se tinha outras armas ou não.

Não disse nada. Não disse «Não fui eu», nem «Deixe-me explicar».

Os seus olhos estavam simplesmente pousados nela e... nada mais.

– O sargento chamou-me – disse ela, ultrapassando as cordialidades.

– Foi o que pensei.

– Está ferido?

– Não.

– Importa-se que lhe faça umas perguntas?

– Força.

Deus, estava muito controlado.

– Porque veio aqui esta noite?

– Sabia que Kroner voltaria. Tinha de o fazer. Com a sua coleção desfeita, não tinha nada que restasse do seu trabalho, pelo que este era um lugar sagrado para ele.

– E o que aconteceu depois de ter chegado aqui?

– Esperei. Ele chegou... e depois... – Veck hesitou, o seu sobrolho ficou tenso como um nó antes de uma mão se erguer e lhe esfregar a têmpora. – Bolas...

– Detetive?

– Não consigo lembrar-me. – Voltou a olhá-la fixamente nos olhos. – Não consigo lembrar-me de nada depois de ele ter aparecido, estou a ser bastante sincero. Num momento, estava a aproximar-se vindo do bosque e no outro... havia sangue por todo o lado.

– Posso ver as suas mãos, detetive? – Quando ele as mostrou, estavam muito estáveis... e sem arranhões ou nódoas negras. Sem sangue nas palmas, nas pontas dos dedos, nas unhas. – Tocou na vítima ou interagiu com ela antes ou depois de chamar o cento e doze?

– Despi o casaco de cabedal e pu-lo à volta do pescoço dele. Não ia ajudar, mas fi-lo na mesma.

– Tem mais alguma arma consigo sem ser a pistola?

– A minha faca. Está no...

Ela colocou a mão no braço dele para impedi-lo de a alcançar.

– Deixe-me ver.

Anuindo, ele deu meia volta. Perante a luz da ambulância, a lâmina de aspeto ofensivo, colocada num coldre ao fundo das costas, era uma laceração à espera de uma oportunidade.

– Posso tirar-lhe a arma, detetive?

– Faça como entender.

Retirando um pacote de luvas de vinilo da mochila, calçou-as e avançou na direção da adaga. Ao apertar o punho para

retirá-la, o corpo dele não se moveu nem um milímetro. Era como se ela estivesse a desarmar uma estátua.

A faca estava limpa e seca.

Elevando-a ao nível do nariz, ela inalou. Não havia sinal de adstringente, que ele poderia ter esfregado à pressa.

Enquanto ele olhava por cima do ombro, a posição do seu corpo fez com que os seus ombros parecessem enormes e, sem razão aparente, ela apercebeu-se de que olhava diretamente para os seus peitorais.

Com um metro e setenta, ela tinha uma estatura média, no entanto, ao lado dele, sentia-se como se tivesse encolhido para um tamanho em miniatura.

– Vou confiscar isto, se não se importa. – Também lhe confiscaria a arma, contudo, dadas as feridas... era a lâmina que realmente queria.

– Não, de todo.

– O que *pensa* que aconteceu? – perguntou ela, tirando um saco de plástico de dentro da mala.

– Alguém o despedaçou e acho que fui eu.

Aquilo deteve-a, não por pensar que se tratava de uma confissão ou algo do género, mas porque não esperava que alguém fosse tão honesto perante tais circunstâncias.

Nesse momento, um veículo da polícia descaracterizado entrou no parque de estacionamento, seguido por dois carros-patrolha.

– O seu parceiro chegou – disse ela. – Mas o sargento quer que seja eu a liderar esta investigação de modo a evitar qualquer possível conflito de interesse.

– Sem problema.

– Posso retirar-lhe amostras de baixo das unhas?

– Sim.

Ela voltou à parte da frente da mochila e retirou um canivete suíço e sacos de plástico, mais pequenos.

– É muito organizada, agente – disse Veck.

– Não gosto de não estar preparada. Estenda a mão direita, por favor.

Ela trabalhou depressa, começando pelo dedo mindinho. As unhas dele estavam bastante curtas, apesar de não estarem arranjadas, e quase não tinham nada por baixo.

– Já trabalhou como detetive? – perguntou Veck.

– Sim.

– Nota-se.

Quando ela acabou, olhou para cima... e teve de fugir imediatamente daqueles olhos azul-escuros para a periferia do queixo.

– Quer outro casaco, detetive? Está frio aqui fora.

– Estou bem.

«Se estivesse a sangrar de uma ferida no peito, será que punhas um penso?», interrogou-se ela. «Ou assumiria essa atitude de machão até já não teres plasma nas veias?»

«Assumiria a atitude de machão», pensou ela. Sem sombra de dúvida.

– Quero que os médicos deem uma olhadela...

– Estou bem...

– É uma ordem, detetive. Parece que lhe dói a cabeça.

Nesse momento, De la Cruz surgiu do seu carro e, ao aproximar-se, parecia tenso e preocupado. Os boatos diziam que ele já perdera um parceiro há cerca de dois anos; obviamente não estava mentalizado para o mesmo, ainda que fosse por um motivo diferente.

– Com licença – disse ela aos dois. – Vou raptar um dos médicos.

Só que, quando se acercou de ambos os homens, eles já estavam a transferir Kroner para a maca. Era evidente que não podiam desperdiçar um minuto que fosse.

– Quais são as hipóteses?

– Poucas – disse o que o prendia. – Mas faremos o nosso melhor, agente.

– Eu sei.

Os apoios da maca estavam estendidos para que ficasse ao nível da cintura e, antes de se irem embora, Sophia tirou uma foto mental. Kroner parecia ter sido retirado de baixo de um carro, com o rosto mutilado, como se não usasse cinto de segurança e tivesse sido projetado pela janela.

Reilly olhou para Veck.

Havia muitas pontas soltas naquele local de crime, pensou ela, principalmente porque Veck acreditava ter sido o atacante. Contudo, era impossível causar tantos danos e ficar limpo num abrir e fechar de olhos, no meio do bosque. Além disso, ele não parecia ter estado envolvido numa luta – era impossível apagar nódoas negras e arranhões.

A questão era... quem teria feito aquilo?

Como se conseguisse sentir os olhos dela a observarem-no, a cabeça de Veck rodou e, assim que os seus olhares se cruzaram, tudo o resto desapareceu: era como se ela estivesse ali sozinha com ele... a uma distância de catorze centímetros, em vez de catorze metros.

De repente, um calor intenso espalhou-se pelo seu corpo, o género de coisa que, se ela estivesse dentro de casa, a teria feito pensar que tal se devia a encontrar-se sob uma saída de ar quente. Contudo, tendo em conta a situação, ela justificou o fluxo como sendo uma resposta suprarrenal ao stresse.

Stresse, porra. *Não* atração sexual.

Reilly quebrou a ligação gritando aos colegas recém-chegados.

– Podem selar tudo?

– Entendido, agente.

Bom, hora de voltar ao trabalho: aquele breve instante de atração completamente imprópria não iria meter-se entre ela e o seu dever. Primeiro, porque era demasiado sensata e, segundo, porque a sua integridade profissional não exigia menos. Também não tinha qualquer intenção de fazer parte da longa lista